A geopolítica, da Alemanha nacional-socialista à América Latina

Os casos da Argentina e do Brasil

Geopolitics, from the national-socialist Germany to Latin America: The cases of Argentina and Brazil

Mario G. Losano

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2300>

DOI: 10.4000/cultura.2300

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Janeiro 2006

Paginação: 371-386

ISBN: 0870-4546

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Mario G. Losano, « A geopolítica, da Alemanha nacional-socialista à América Latina », *Cultura* [Online], Vol. 22 | 2006, posto online no dia 11 março 2016, consultado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2300> ; DOI : 10.4000/cultura.2300

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

A geopolítica, da Alemanha nacional-socialista à América Latina

Os casos da Argentina e do Brasil

Geopolitics, from the national-socialist Germany to Latin America: The cases of Argentina and Brazil

Mario G. Losano

NOTA DO AUTOR

Este texto foi apresentado como comunicação no XIV Congresso Internacional AHTLA 2005, *Europa-América: Paralelismos en la distancia*, Universidad Jaume I, Castellón (Espanha), 20 a 24 de setembro de 2005, Simpósio 5: *Ideas, intelectuales y paradigmas ideológicos europeos en América Latina, 1850-2000*. O texto foi traduzido do italiano ao português pela Profa. Marcela Varejão, da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal de Pernambuco; Doutora em Sociologia do Direito pela Università degli Studi di Milano, Itália.

1 – As raízes alemãs da geopolítica

Este texto propõe-se ilustrar sinteticamente a circulação das idéias geopolíticas da Europa à América do Sul, com particular referência sobre a Argentina e o Brasil.¹ Ainda que a geopolítica como paradigma ideológico tenha recebido o seu nome apenas no século XIX, as aspirações geopolíticas das grandes potências existiam já desde há séculos. Noções vagas como "Estado nacional", "Hispanidad", ou Paneslavismo (e todos os outros "pan-movimentos") identificam esferas de influência que plasmavam a política exterior de um Estado; a geopolítica, para usar a expressão de Henry Kissinger, "developed a rationale for it",² ou seja, oferecia uma explicação racional para certas políticas exteriores animadas pela vontade de potência; a estratégia militar, enfim, "aplicava" aqueles paradigmas

ideológicos e aquelas racionalizações geopolíticas, procurando transformá-las em situações de fato (mas freqüentemente usando-as para justificar *ex post* as próprias acções de conquista).

A geopolítica agrada aos generais, independentemente de sua nacionalidade. As idéias do general alemão Karl Haushofer foram recebidas na América do Sul, na qual a geopolítica circulou intensamente: a *Geopolítica del Cono Sur* do general argentino Juan Enrique Guglielmelli faz parte de uma "Colección Geopolítica" que compreende, em tradução espanhola, a *Geopolítica de Brasil*, do general Golbery de Couto e Silva, *El expansionismo brasileño*, de P. Schilling, a *Proyección continental de Brasil*, do general Mario Travassos, e a *Geopolítica de Chile*, do general Augusto Pinochet Ugarte. Mas, antes de tratar destes autores contemporâneos, é oportuno realizar um passo atrás.

A partir do final do século XIX, nos estudos de geografia da área alemã já estavam presentes os conceitos que, em seguida, caracterizaram a geopolítica do nacional-socialismo e que, por este último, foram aplicadas à América do Sul, como será visto mais adiante. Tais ideias ainda oitocentistas foram, porém, revitalizadas e impregnadas com um forte conteúdo emotivo pelas mutilações territoriais impostas à Alemanha com o Tratado de Versailles, no final da Primeira guerra mundial. Em seguida, com o nacional-socialismo, fundiram-se numa doutrina política unitária (que se apresentava, todavia, como fundamentada na ciência), para justificar e explicar as agressivas expansões territoriais, inicialmente da Alemanha, depois, dos seus aliados, Itália e Japão.

Entre os séculos XIX e XX, a geopolítica conta com três precursores, que retornam também em quase todos os escritos sul-americanos de geopolítica. O primeiro é o alemão Friedrich Ratzel (1844-1904), que nos seus primeiros escritos não mencionava ainda a "geopolítica", mas sim a "geografia política": este é o título de seu livro de 1897,³ no qual recorre, pela primeira vez, ao termo 'Lebensraum' (espaço vital), elaborado depois, cientificamente, na sua obra de 1901.⁴ O espaço vital é a área na qual pode desenvolver-se um ser vivo, planta, animal, ou homem. O ponto de partida de Ratzel é, assim, a geografia botânica e zoológica; porém, nas suas obras a luta pelo espaço que garante a sobrevivência é descrita, também, com referência às grandes batalhas da história.

Desde 1896 Ratzel indicava a guerra como instrumento natural para a conquista do espaço vital.⁵ Na sua teoria, fica assim clara a influência do darwinismo social. Semelhante visão do mundo faz dele um consciente teórico do imperialismo europeu e, através da mediação de seu aluno Haushofer (do qual o texto se ocupará a seguir), um involuntário precursor do nacional-socialismo.

Também o sueco Rudolf Kjellén (1864-1922) contribuiu para a afirmação da geopolítica, na qual ingressou quando o debate sobre a eventual dissolução da união entre Suécia e Noruega o levou a estudar a natureza do Estado. Kjellén sofreu a influência da visão biológica e social-darwinística de Ratzel, concebendo o Estado como um organismo biológico que se rege segundo leis naturais e se enraíza no seu território. Na geopolítica, a importância de Kjellén consiste, sobretudo, em ter sistematizado as idéias expostas por Ratzel. Porém, as suas erradas previsões sobre o êxito na Primeira guerra mundial e a sua morte em 1922 determinaram o final da sua influência sobre a política sueca, endereçada, em seguida, para uma visão pacífica e neutra das relações internacionais.⁶

Enfim, as concepções sobre a estrutura geopolítica da Europa do célebre geógrafo e político inglês Halford J. Mackinder (1861-1947) influenciaram fortemente o pensamento de Haushofer, levando-o a afirmar a necessidade de um acordo continental da Alemanha

com a URSS, até ao momento em que a declaração de guerra da Alemanha contra aquele Estado pôs um fim nos seus projectos. A relação de Haushofer com as teorias de Mackinder é bem diversa daquela que se observa nas teorias de Ratzel e Kjellén: o alemão e o sueco eram para ele uma fonte de inspiração e admiração, enquanto o inglês – ao qual Haushofer não deixa de tributar o máximo reconhecimento cultural – restava sempre o inimigo: o inimigo com o qual é necessário aprender, para melhor combatê-lo. Por isso, o futuro declínio da potência naval inglesa, temido por Mackinder, transformou-se, para Haushofer, num projeto político a ser realizado contra a Grã-Bretanha: o projeto de afirmação da potência terrestre na Europa central, "the geographical pivot of history", que Mackinder identificava com a Eurásia, da Alemanha à Rússia.

As propostas dos três precursores da geopolítica confluem no pensamento de Karl Haushofer, do qual ora é oportuno examinar tanto a discutida figura, quanto a indiscutível influência no mundo científico e político alemão da primeira metade de Novecentos.

Com Karl Haushofer (1869-1946) – general bávaro e, depois, professor: uma das figuras mais enigmáticas e, talvez, uma das eminências pardas mais importantes do século XX – a geopolítica sai do âmbito das reflexões políticas ou académicas, para se tornar uma teoria que guia ou justifica a ação política. Para Haushofer, mesmo unido por laços pessoais ou por estreitos vínculos culturais aos dois precursores da geopolítica, Ratzel e Kjellén, a geopolítica é, de facto, uma "ciência aplicada": ou seja, aplicada pelos políticos.

Dois eventos influíram de modo decisivo para a formação de Karl Haushofer.

No plano científico, a sua missão militar no Japão (1908-1910) determinou seu interesse pela geopolítica e forneceu-lhe um modelo ideal de Estado autoritário sobre o qual plasmar a Alemanha. No plano político, desde 1919-20, ligou-se por estreita amizade a Rudolf Hess, o "vice" de Hitler, com cuja sorte, indissolivelmente – e tragicamente – viriam a interseccionar-se as vidas de Karl Haushofer e de seu filho Albrecht (1903-1945), também ele geopolítico.

O tratado de Versaillles privava a Alemanha de uma parte do território essencial para a sua sobrevivência como grande potência. O debate sobre o "espaço vital" tornou-se, então, politicamente central e, nele, a "geopolítica" assumia um peso crescente, até se apresentar como a pedra angular da ideologia oficial no Estado nacional-socialista. Tem origem em Haushofer a teoria dos "grandes espaços", usada para justificar as agressões alemãs, italianas e japonesas contra os Estados vizinhos. Tal teoria inspirou também o "novo direito internacional" teorizado por Carl Schmitt, o mais importante jurista da época nacional-socialista, cujo pensamento está vivendo uma intensa reavaliação nos últimos anos.

Sobre a complexa e ainda obscura questão das relações e das recíprocas influências entre Haushofer e o nacional-socialismo, o exilado escritor judeu Stefan Zweig (1881-1942), que conheceu Haushofer expressamente, pessoalmente, ainda nos anos Quarenta, um juízo equilibrado: "Não vejo nele [...] uma demoníaca 'eminência parda' que ocultamente architecta os planos mais perigosos e os sugere ao Führer. Mas não existe nenhuma dúvida de que tenham sido exatamente as suas teorias, muito mais do que as teorias dos mais tresloucados conselheiros de Hitler, conscientemente ou não, aquelas que transferiram a agressiva política do nacional-socialismo da esfera nacional à universal. Somente o futuro poderá oferecer o exacto peso histórico de sua figura, com base numa documentação melhor do que aquela da qual dispomos, nós, contemporâneos."⁷ Hoje, alguns documentos vieram à luz e a influência também pessoal de Haushofer sobre o nacional-socialismo pode ser considerada

demonstrada pelo menos nas suas linhas principais. Um recente e documentado estudo, escrito pelo padre jesuíta Bruno Hipler, intitula-se significativamente *O mestre de Hitler: Karl Haushofer como pai da ideologia nacional-socialista*.⁸

Em conclusão, Haushofer foi uma eminência parda do nazismo, mas não participou diretamente dos seus crimes de guerra: por isso, foi preso pelos aliados, que, porém, renunciaram a julgá-lo em Nuremberg. No que se refere à América do Sul, como veremos, ele foi responsável pelas associações que mantinham os contactos com os alemães no exterior, respondendo diretamente a Hess (o alter ego de Hitler, até o seu nunca esclarecido vôo para a Inglaterra em 1941). Assim, também a visão do "grande espaço" sul-americano sob a hegemonia argentina está diretamente inspirada nas idéias geopolíticas de Haushofer.

2 – A geopolítica, da Europa das ditaduras à América do Sul

A geopolítica de Haushofer serviu como justificação "científica" para a conquista da Europa oriental por parte da Alemanha, para a formação da "Greater East-Asia Co-Prosperity Sphere", que levou o Japão às portas da Índia britânica, e para a busca por "um lugar ao sol" africano, por parte da Itália, que foi, porém, a mais reticente partidária da geopolítica entre os Estados do Eixo. Outrossim, a geopolítica nacional-socialista influenciou directamente a política exterior da Argentina e do Brasil. O recente livro do diplomata brasileiro Sergio Corrêa da Costa (1919-2005), dedicado à penetração nacional-socialista na América do Sul e, em especial na Argentina,⁹ pode ser lido também como um perfeito manual de geopolítica aplicada. Se os precursores destes estudos ofereciam uma visão da geopolítica *in the books*, com o nacional-socialismo enfrenta-se a geopolítica *in action*.

Sergio Corrêa da Costa analisa a "guerra secreta" que a Alemanha nazista conduzia para poder usar as minorias alemãs na Argentina e no Sul do Brasil como "quinta coluna", para apoderar-se de toda a América do Sul. Efectivamente, nos anos Trinta, a Alemanha nacional-socialista estava a realizar dois planos estratégicos, um mais antigo e teórico, outro mais imediato e militar.

O plano mais antigo e teórico fundava suas raízes no nacionalismo alemão, no Pangermanismo e na geopolítica alemã, ou seja, numa série de ideologias que remontavam ao final de Oitocentos e ao imperialismo guilhermino, as quais pregavam a unificação de todas as minorias alemãs. Tais visões, aplicadas à América do Sul, estão sintetizadas num mapa do início de Novecentos que representa "A América do Sul em 1950" e que reflete, não a situação geográfica do início do século XIX, mas os desejos do autor que o publicou em 1911: era, assim, a previsão para um nosso futuro que passou. Nesse mapa, a América do Sul estava dividida em três grandes áreas: os "Estados Unidos da América do Norte" desceriam, até ocupar boa parte da Colômbia e da Venezuela; a "América do Sul inglesa" ocuparia o centro do Brasil, o Peru, o Equador e uma parte da Bolívia; enfim, a "América do Sul alemã" (exatamente assim: "Deutsch Südamerika") compreenderia Chile, Argentina, a outra parte da Bolívia e todo o Brasil meridional. O autor do mapa, Otto Richard Tanneberg, não tem dúvidas: "A Alemanha tomará sob sua proteção a Argentina, o Chile, o Uruguai, o terço meridional da Bolívia, por integrar a Bacia do Rio da Prata, e a parte meridional do Brasil, onde reina a cultura alemã".¹⁰

O plano mais imediato e militar, ligado à guerra de expansão da Alemanha nazista, previa a criação daqueles que, vez por vez, eram chamados, na Alemanha, de "Estados Unidos da América do Sul". Esse futuro Estado vassalo do Terceiro Reich representava uma natural expansão do "espaço vital alemão", ao qual quis endereçar o excesso de população da metrópole: essa era de facto a justificação utilizada pelo nacional-socialismo para os seus objetivos territoriais, em detrimento dos outros Estados, não apenas sul-americanos. A criação desse Estado vassalo tinha, porém, uma função estratégica na condução da guerra: um forte aliado alemão na América do Sul teria distraído os Estados Unidos da América do envio de ajuda ao aliado inglês na guerra na Europa, constrangendo-os a pensar nos problemas do seu "quintal de casa".

Nessa estratégia do Terceiro Reich para com a América do Sul inscreve-se um dos pontos de maior interesse do volume: o caso da carta geopolítica nazi sobre o futuro desenho da América do Sul, após a vitória da Alemanha nazi e dos seus aliados do Eixo.¹¹ O título em alemão indica que se trata do mapa da "Rede das linhas aéreas dos Estados Unidos da América do Sul". Sobre o conteúdo e a importância desse mapa, à época secretíssimo, convém deixar a palavra a Sergio Corrêa da Costa:

O mapa mostrava a redistribuição territorial da América do Sul a ser imposta pela Alemanha depois da vitória. O subcontinente seria reduzido a apenas quatro países e uma colônia, todos sob proteção alemã, a saber: 1. Brasil; 2. Argentina, que absorveria o Uruguai, Paraguai, toda a parte baixa da Bolívia e um corredor para o Pacífico na altura de Antofagasta; com isso, o nosso vizinho se adentrava no continente como um verdadeiro braço em direção à Amazônia, indo além da altura de Corumbá; 3. Chile, incluindo o restante do Peru e da Bolívia; 4. Nova Espanha, formada pela Colômbia, Venezuela e Equador, mais o Panamá e mais a zona do canal; 5. as três Guianas unificadas como colônia francesa. A Argentina, portanto, além de reconstituir as fronteiras do vice-reinado do Prata, decepa uma faixa de Chile e assegura a Buenos Aires a almejada saída para o Pacífico [...].¹²

A descoberta desse mapa ultrasecreto – dele existiam dois exemplares, um com Hitler, outro com o embaixador alemão em Buenos Aires – teve repercussões também nos Estados Unidos, porque a referência ao canal do Panamá coloca em perigo os interesses daquele Estado e, assim, acciona o mecanismo da Doutrina Monroe.

Mostrado [i.e.: o mapa] ao Presidente Roosevelt, foi por ele citado em discurso irradiado em 27 de outubro de 1941. Depois de evocar reiteradas declarações de Hitler de que suas ambições não se estendiam além-Atlântico, assinalou: "São hoje 14 os países nessa área [...], pois os peritos geógrafos de Berlim obliteraram brutalmente todas as linhas divisórias para reduzir a América do Sul a cinco Estados vassalos, todos sob dominação alemã [...] e o fizeram de forma a que um deles incluísse a República do Panamá [...]. O mapa deixa claro que os desígnios nazis não são apenas contra a América do Sul, mas igualmente contra os Estados Unidos".¹³

Por outro lado, os Estados Unidos estavam conscientes de tais ambições alemãs com relação à América do Sul. Em 1914, Roosevelt escrevia, efectivamente: "Do you not believe that if Germany won in this war, smashed the English Fleet and destroyed the British Empire, within a year or two she would insist upon taking the dominant position in South and Central America?"¹⁴

Uma vez que a geopolítica inspirada por Haushofer teve repercussões clamorosas também na Argentina e no Brasil, Haushofer não podia faltar no livro de Sergio Corrêa da Costa, que o recorda como animador de numerosas associações, fundadas já antes do nazismo, para manter os contatos com os alemães no exterior.

Todavia, a importância de Haushofer foi muito exagerada durante a guerra. Por exemplo, o "Reader's Digest" descreve o seu (inexistente) "Instituto de Geopolítica" na Universidade de Munique como uma central com milhares de colaboradores. Ao invés, em Munique realmente existira, sob a direção de Haushofer, uma "Deutsche Akademie" que se ocupava da "germanicidade" (Deutschtum) e das relações culturais não oficiais com o exterior. Fundada em 1925, foi dissolvida em 1945. Ela desenvolvia estudos alemães de alto nível, mas possuía também uma "Seção prática" (Praktische Abteilung) que se dedicava ao ensino do alemão como língua estrangeira. A herança desta secção foi recolhida em 1961 pelo atual "Goethe-Institut", por sua vez fundado em 1932, dissolvido no pós-guerra e reconstituído em 1952. A Academia mesma, no entanto, não foi reconstituída e hoje, de fato, encontra-se quase esquecida.

Sergio Corrêa da Costa recorda ainda um "Verein für das Deutschtum im Ausland" (Associação para o Germanismo no Exterior, VDA), que assumira este nome em 1908, mas existia desde 1880, como associação gestora das escolas alemãs no exterior. Tal associação conheceu grande expansão com o nacional-socialismo e por isso os Aliados proibiram-na em 1945. Foi reconstituída, porém, em 1955 e – assumindo uma posição política de extrema-direita – ocupou-se activamente, no início, dos alemães expulsos e refugiados; e após 1989, dos "alemães do Volga". Apoiada pelos governos alemães, mas envolvida em escândalos financeiros, tal associação "expôs-se a si mesma negativamente pelas suas ligações com as ditaduras militares e com os ambientes de extrema-direita e neofascistas. Foram objeto de crítica sobretudo suas relações com a junta militar chilena".¹⁵

Os planos geopolíticos atingiram, assim, um nível paroxístico durante a época nacional-socialista, mas, como foi visto, existiam de forma menos virulenta tanto antes quanto depois das ditaduras européias dos anos Trinta.

3 – Os geopolíticos brasileiros

É a mesma dimensão subcontinental do Brasil que obriga sempre, de facto, a pensar em termos geopolíticos. Assim o fizeram os portugueses a partir da expansão colonial, para além da linha traçada pelo Tratado de Tordesilhas e para além dos espaços estabelecidos pelo Tratado de Madrid de 1751. Assim continuaram os brasileiros após a independência, quando da metade dos Oitocentos até ao início dos Novecentos estenderam o próprio território às custas dos países confinantes. Ainda na primeira parte dos Oitocentos, a área disputada era sobretudo na parte Sul, fronteira com as ex-colônias espanholas; depois, com o final daquele século, o interesse mundial pela borracha deslocou a atenção internacional para a Amazônia.¹⁶ Aquele enorme e despovoado território impunha, com força, o problema da segurança nacional (para dele evitar a ocupação pelos Estados fronteiriços) e da sua integração no tecido brasileiro: tema recorrente até aos dias atuais,¹⁷ ainda que a procura de borracha natural tenha sido muito reduzida.

Partindo destes problemas, a geopolítica brasileira iniciou-se como ciência nos primeiros anos do século XX, com Everardo Backheuser, Carlos Delgado de Carvalho e Mário Travassos, que foram não somente geógrafos, como também pedagogos. Destes precursores ocupar-nos-emos brevemente a seguir. Eles, por sua vez, influenciaram os teóricos do regime militar (1964-1985), que tinham como ponto de referência a Escola Superior de Guerra no Rio de Janeiro. A nossa atenção será concentrada nos generais Carlos de Meira Mattos e Golbery do Couto e Silva.

a) Entre os *precursores da geopolítica brasileira*, a figura mais relevante é, sem dúvida, Everardo Backheuser (1879-1951), que se colocou na tradição alemã da geopolítica clássica, seguindo os ensinamentos do alemão Friedrich Ratzel e do sueco Rudolf Kjellén, considerados na Europa os precursores da geopolítica. Com a Europa, Backheuser manteve vínculos científicos diretos.¹⁸ Um escrito de Backheuser¹⁹ – "que difundiu, no Brasil, a geopolítica alemã"²⁰ – foi publicado na revista alemã de geopolítica editada por Karl Haushofer. Na sua longa vida (que ele mesmo em parte narrou),²¹ interessou-se também pela Amazônia e, enfim, exerceu uma influência determinante sobre os militares. A eles se deve a publicação dos seus escritos nos anos Cinquenta.²²

Por seu turno a formação de Carlos Delgado de Carvalho (1884-1980) está ligada à Europa e, em especial, à escola francesa do geógrafo francês Paul Vidal de la Blanche (1845-1918), cujo método interdisciplinar e culturalista tornou-o, na época, o estudioso francês mais relevante neste campo, a ponto de, em seguida, os historiadores dos "Annales" o considerarem um de seus precursores. Explica-se assim porque um dos mais importantes trabalhos de Delgado de Carvalho tenha sido publicado em francês.²³ Os estudos de Vidal de la Blanche imprimiram à escola francesa uma direção bem diversa da geopolítica alemã.²⁴ Delgado de Carvalho, por sua vez, exercitou uma forte influência no mais representativo dos geopolíticos militares, o general Golbery do Couto e Silva, mencionado a seguir.

Enquanto os dois precedentes autores eram civis, o general Mário Travassos (nascido em 1891) fazia parte da estrutura militar. Nas suas obras, **indica** dois eixos de expansão do Brasil, um na direção da Bolívia, o outro ao longo do Rio Amazonas, sempre sublinhando a necessidade de povoar as terras excessivamente despovoadas.²⁵ Backheuser associou-se também a tal proposta. Nos anos Cinquenta, foram criados, ao longo da fronteira, os territórios federais, ou seja, diretamente controlados pelo governo central. Surgiram assim os territórios do Amapá e de Roraima, a Norte; Acre, Iguaçu, Ponta Porã e Rondônia a Oeste e Sudeste e não foi esquecida a ilha – pequena, mas estratégica – de Fernando de Noronha.

As idéias de Mário Travassos passaram, depois, aos dois principais geopolíticos da época da ditadura militar, os generais Carlos de Meira Mattos e Golbery do Couto e Silva. Entre os anos Cinquenta e Setenta, os militares, partindo da dimensão subcontinental do Brasil e de seu desenvolvimento económico, imaginaram uma sua influência também fora da América do Sul e uma sua posição de primeiro plano como aliado dos Estados Unidos na luta contra o comunismo. Ao mesmo tempo, adoptaram medidas para reforçar a unidade do país e garantir a segurança das fronteiras.²⁶ Foi a época da construção de estradas e aeroportos militares, de gigantescas barragens para a produção de energia eléctrica, de indústrias estrangeiras incentivadas a instalar-se no Brasil.

Tais medidas económicas foram acompanhadas por uma dura repressão interna e tiveram também um alto custo social. Por exemplo, os camponeses evacuados das terras cobertas por lagos artificiais foram deslocados para milhares de quilômetros de distância, muitas vezes sem infraestruturas suficientes.

Hoje, o balanço daquelas medidas geopolíticas apresenta luzes e sombras. Algumas áreas desenvolveram-se, tornando-se os actuais Estados de Rondônia, Pará e Tocantins. Os projetos rodoviários, contudo, foram realizados apenas em parte. Mas, o objectivo deste escrito não é tentar um balanço sócio-económico da geopolítica brasileira, mas apenas o de traçar as linhas de desenvolvimento e os seus laços com os geopolíticos europeus.

b) O general Carlos de Meira Mattos (nascido em 1913) publicou a maior parte de seus trabalhos depois do golpe de Estado de 1964. Logo a seguir, um primeiro grupo de seus escritos delineia a teoria que movera os militares na tomada do poder e que teria guiado o seu exercício.²⁷ Alguns anos depois, consolidada a ditadura militar, a sua produção concentra-se em temas de geopolítica.²⁸ Com respeito ao outro geopolítico da ditadura militar, o general Couto e Silva, Meira Mattos prestou maior atenção à realização das teorias do que à elaboração de grandes planos geopolíticos. Como militar operativo, é a ele que se deve, no momento da tomada do poder pelos militares, a ocupação e o fechamento do Congresso Federal brasileiro. Foi também um dos principais auxiliares do general e presidente Humberto de Alencar Castello Branco (1900-1967).²⁹

Em comum com Couto e Silva, resta o fato de terem participado, durante a Segunda Guerra Mundial, da força expedicionária brasileira que actuou na Itália ao lado dos norte americanos, e também em comum possuem a docência na Escola Superior de Guerra no Rio de Janeiro. Meira Mattos, além disso, desenvolveu esta actividade didáctica também nos Estados Unidos, no Inter-American Defense College de Washington.

A presença destes dois eminentes geopolíticos fez da Escola Superior de Guerra o centro de tais estudos no Brasil.³⁰ Ainda que as escolas militares brasileiras tenham uma tradição secular, as origens desta escola são recentes. Os oficiais brasileiros que compuseram a força expedicionária na Itália foram treinados no U.S. National War College, de Washington. Esse período deixou-lhes uma impressão tão profunda e favorável que, com a assistência de militares americanos e franceses, fundaram em 1949 uma Escola análoga no Rio de Janeiro. Entre os fundadores da Escola encontramos o general Castello Branco, futuro Presidente após o golpe de 1964, e Everardo Backheuser, cujos sucessores naquela escola foram Couto e Silva e Meira Mattos.

A Escola Superior de Guerra distinguia-se do modelo americano na medida em que eram estudados os factores políticos e diplomáticos que podiam condicionar a política da segurança nacional; mas, sobretudo, porque a instituição admitia, também, civis entre seus estudantes. Assim, a ideologia da Escola circulava numa elite brasileira, tanto militar, quanto civil: entre 1950 e 1967, e cerca da metade dos **diplomados** na Escola eram civis.³¹ Depois do golpe de Estado, os postos-chaves militares e civis foram quase completamente confiados a personalidades formadas na Escola Superior de Guerra.³² A política de Meira Mattos para o controle das áreas de fronteira visava realizar acordos com os países vizinhos, mas sempre sob a hegemonia brasileira. Nasceram, assim, os projectos conjuntos com a Argentina, o Uruguai e o Paraguai para a construção de centrais eléctricas, barragens, estradas e portos. Com o "Tratado de cooperação para a Amazônia" de 1978, o Brasil reuniu os oito países interessados numa cooperação que estabilizaria a fronteira do Norte (Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela).³³ Todavia, a sua visão ia além das fronteiras brasileiras: ele imaginava um Brasil que unificasse a área que originariamente fora dos portugueses na América, na África e na Europa, opondo-se – ou até mesmo em parte substituindo – a hegemonia dos Estados Unidos.³⁴

c) O general Golbery do Couto e Silva (1911-1987) fundou e dirigiu o tristemente famoso Serviço Nacional de Informações da ditadura militar e foi uma figura de primeiro plano na formulação e na aplicação da geopolítica à realidade brasileira, na qual seguiu inicialmente os esquemas traçados nos anos Trinta por Mário Travassos. A obra que o divulgou foi um manual de estratégia, e a elaboração da sua construção geopolítica do Brasil revela essa origem.³⁵ O seu esboço do Brasil futuro levava em consideração não

tanto as fronteiras internacionais existentes, mas sim a heterogeneidade das diversas zonas brasileiras e a necessidade de garantir as fronteiras nacionais. As suas cinco "zonas operativas" cobrem, assim, não somente o Brasil, mas a América do Sul no seu todo.

O "coração" da futura conformação continental era a zona que reagrupava os ricos territórios do Sul (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e o Rio Grande do Sul, a terra natal de Couto e Silva): a "área central de manobra".

Este rico Sudeste era, ainda, contornado por três "penínsulas": o Nordeste tropical, o Sul e o Centro-Oeste de clima temperado. Dentre tais "penínsulas", o Nordeste permanece inteiramente interno ao Brasil; ao invés, as outras áreas, na visão de Couto e Silva, eram estendidas até incluir também os outros Estados sul-americanos. Assim, a área "Sul" para ele incluía, também, a Argentina, o Uruguai, o Chile e uma parte do Paraguai (denominada "Área Platino-Patagônica"), enquanto a área "Centro-Oeste" se estendia sobre o restante do Paraguai e sobre a Bolívia (e tomava o nome de "Área do escudo central", *shield*).

A quinta zona era a "Área da Amazônia", que teria como centro Manaus, mas que estaria destinada a estender-se a todos os outros Estados andinos e costeiros da parte setentrional da América do Sul (terminando, assim, por coincidir mais ou menos com a hispânica e colonial Nova Granada).

Esse grandioso projeto – que certamente não entusiasmava os países limítrofes – correspondia, porém, exatamente às concepções políticas européias dos anos Trinta, quando Carl Schmitt teorizara a aglomeração dos Estados nacionais em "grandes espaços", sob a guia de um Estado hegemônico.

Partindo destas cinco áreas, Golbery de Couto e Silva indicava os quatro "passos operativos" que levariam o Brasil a dominar pacificamente o continente sul-americano. Inicialmente, era necessário consolidar o próprio Brasil. Assim, as "penínsulas" do Sul e do Nordeste deviam ser integradas na "área de manobra" (o rico Sudeste), através do desenvolvimento econômico e das vias de comunicação que um tal projeto exige. As áreas de confins, através da criação dos territórios federais, deveriam ser confiadas aos militares, que nelas teriam criado pólos de desenvolvimento para lhes garantir os laços com o restante do Brasil. O planalto central devia ser, por um lado, colonizado a partir da área central e, por outro, unido à "ilha" amazônica por uma ligação viária que consolidasse aquele território no Estado brasileiro.

Tal visão geopolítica traduziu-se em obras concretas. As duas mais famosas são a transferência da capital da costa para o planalto central (ou seja, do Rio de Janeiro para Brasília, em 1960)³⁶ e a construção da estrada Transamazônica, que transformou de modo irreversível a região.

Depois do golpe de Estado de 1964, os escritos de Golbery de Couto e Silva caracterizaram-se pelo anticomunismo (estimulado pela então recente revolução cubana) e pela atenção aos problemas da segurança nacional.³⁷ Mas ainda hoje o seu pensamento continua a suscitar interesse. Em 2003, as suas obras foram reunidas num amplo volume,³⁸ juntamente com alguns dos seus escritos inéditos que tiveram um forte impacto na vida brasileira. Todavia, convém apenas termos menção desses inéditos pois o seu exame imporia, que passássemos da geopolítica para a história política contemporânea.

4 – A geopolítica entre descrição e avaliação

Hoje, a geopolítica pode ser considerada como a metafísica do nacional-socialismo apenas sob o ponto de vista histórico, não obstante no pós-guerra muitos estudos científicos a tenham reabilitado. Em muitos casos, ela voltou a ser uma geografia do mundo como é, e não do mundo como deveria ser. O historiador espanhol Vicens Vives viveu as duas esferas da geopolítica, tendo escrito um livro sobre tal assunto em 1940³⁹ e retornado os estudos criticamente em 1950, escrevendo no prefácio ao último volume: "La Geopolítica, que interpreta el pasado geográfico e histórico para justificar la actualidad, adolecerá siempre del inminente peligro de caer sojuzgada bajo la presión de un régimen totalitario triunfante"; **ao invés, diante dos fatos, sua tarefa** é: "Comprender, no justificar; hacerlos asequibles, por tanto, a una posible ordenación y sistematización, invulnerable a los caprichos de los publicistas extrauniversitarios".⁴⁰

Porém, a geopolítica é caracterizada por uma forte carga interpretativa da realidade sócio-espacial e, assim, as suas pesquisas tendem a deslizar ao longo de um plano inclinado, no qual a *geo-política* se transforma gradualmente em *geo-política*; ou seja, no qual se passa do ser ao dever ser, da geografia descritiva à geografia prescritiva, da representação do mundo como é à prefiguração do mundo como deveria ser.

Por isso, também em tempos recentes e também na América do Sul, a geopolítica promove uma certa visão da sociedade futura, usando o dado geográfico como um argumento a favor dessa mesma visão. Por exemplo, o argentino Norberto Ceresole defende uma "geopolítica", e não uma "geografia política", porque lhe interessa não a descrição da realidade, "sino también (y sobre todo) la liberación de la voluntad de transformarla. Porque no es sólo interpretación académica lo que queremos, sino transformación del mundo". Esta "filosofia da acção e da esperança" remete-se ao "Prinzip Hoffnung" de Ernst Bloch.⁴¹ Para Ceresole, o espaço interessa, então, como categoria social, como estrutura de poder, e não como dado físico-natural. Afirmações como esta abrem controvérsias áspersas sobre a natureza da geopolítica, nas quais se debate se a geopolítica "verdadeira" é somente descritiva, ou até que ponto, a geopolítica é também prescritiva oferecendo cada livro sobre o assunto uma definição de geopolítica que se coloca entre estes dois pólos de discussão.⁴²

A mim, como observador externo, esta propensão da geopolítica para se tornar *instrumentum regni* – do reino presente ou do reino que virá, é indiferente – parece ínsita na natureza mesma da geopolítica. Tanto diante das fronteiras resultantes da Primeira Guerra Mundial, quanto em face da globalização e do controle monopolista dos recursos económicos – para citar apenas dois exemplos – é difícil permanecer weberianamente neutral; é mais fácil, e muitas vezes é quase inevitável, afirmar que a situação presente é injusta, e indicar qual poderia ser o projeto (geo)político para corrigi-la. No plano inclinado que vai da geopolítica descritiva à prescritiva, são possíveis muitas nuances. Nas páginas anteriores foram vistas sobretudo as geopolíticas de direita; mas existem também as de esquerda, sobre as quais não foi possível falar. No continente que gerou uma teologia da libertação, existe o espaço, e, mais ainda, existe a necessidade, também, de uma geopolítica da libertação.⁴³

NOTAS

1. Os temas mencionados no texto estão tratados de forma mais extensa nas minhas seguintes publicações: *La geopolítica nazionalsocialista e il diritto dei "grandi spazi"*, "Materiali per una storia della cultura giuridica", XXXV, 2005, n. 1, pp. 5-63; *La teoria nazionalsocialista dei "grandi spazi" dall'Europa al Giappone*, Associazione Italiana per gli Studi Giapponesi. Atti del XXVIII Convegno di Studi sul Giappone. Milano, 16-18 settembre 2004, Cartotecnica Veneziana, Venezia 2004, pp. 115-130; *Diritto e potere: la geopolítica brasiliana negli anni del governo militare (1964-1984)*, em Heleno Taveira TÔRRES (Coordenador), *Direito e poder nas instituições e nos valores do público e do privado contemporâneos. Estudos em homenagem a Nelson Saldanha*, Manole, Barueri (São Paulo, Brasil) 2005, pp. 64-104; *Um recente livro brasileiro sobre as tensões entre Brasil e Argentina na época das ditaduras européias*, "Política Externa" (São Paulo), XIII, 2005, n. 4, pp. 71-81, completado por uma breve nota no fascículo sucessivo: *Dois esclarecimentos sobre o volume de Sergio Corrêa da Costa*, "Política Externa" (São Paulo), XIV, 2005, n. 2, pp. 113-115.
2. Henry KISSINGER usa esta expressão a propósito do geopolítico norte-americano (teórico da potência naval dos Estados Unidos) Alfred Thayer MAHAN: *Diplomacy*, Simon & Schuster, New York 1994, p. 38.
3. Friedrich RATZEL, *Politische Geographie*, Oldenbourg, München 1897, XX-715 pp.; a idéia da guerra está presente no subtítulo da segunda edição de 1903: *Politische Geographie, oder die Geographie der Staaten, des Verkehrs und des Krieges*, Oldenbourg, München 1903, XVIII-838 pp. (3ª ed: 1923); id., *Der Staat und sein Boden geographisch betrachtet*, Hirzel, Leipzig 1896, 127 pp.
4. Friedrich RATZEL, *Der Lebensraum. Eine biogeographische Studie*, em: *Festgabe für Albert Schäffle*, Laupp, Tübingen 1901, pp. 103-189; ainda: *Der Lebensraum. Eine biogeographische Studie*, Laupp, Tübingen 1901, 87 pp.
5. Friedrich RATZEL, *Die Gesetze des räumlichen Wachstums der Staaten*, "Petermanns Geographische Mitteilungen", 1892, pp. 97-107.
6. Os livros que tornaram Rudolf KJELLÉN famoso na Alemanha são: *Die Grossmächte vor und nach dem Weltkriege*, Teubner, Berlin 1930, 348 pp. (esta é vigésima segunda edição da obra publicada em 1914); *Die Ideen von 1914. Eine weltgeschichtliche Perspektive*, Hirzel, Leipzig 1915, 46 pp.; *Grundriss zu einem System der Politik*, Hirzel, Leipzig 1920, 106 pp.; *Der Staat als Lebensform*, Hirzel, Leipzig 1917, VIII-236 pp. (4ª ed.: 1924). Sobre o vínculo com a Alemanha: *Warum ich es mit Deutschland in diesem Weltkriege halte?*, Curtius, Berlin [1914?], 43 pp.; e sobretudo KJELLÉN – HAUSHOFER, *Macht und Erde*, Teubner, Leipzig – Berlin 1930-34, 3 vols.
7. Stefan ZWEIG, *Die Welt von gestern. Erinnerung eines Europäers*, Suhrkamp, Frankfurt 1947, 500 pp.; também Wien 1952, p. 176 (itálico meu); mas originariamente publicado em Estocolmo (Fischer, 1944, 394 pp.).
8. Bruno HIPLER, *Hitlers Lehrmeister: Karl Haushofer als Vater der NS-Ideologie*, EOS Verlag (Erzabtei St. Ottilien), St. Ottilien 1996, 240 pp.
9. Sergio Corrêa da COSTA, *Crônica de uma guerra secreta. Nazismo na América: A conexão argentina*, Record, São Paulo – Rio de Janeiro 2004, 530 pp. As páginas mencionadas neste item e não acompanhadas de outra indicação referem-se ao volume mencionado.
10. O mapa descrito no texto está na p. 207 e foi pinçado de uma típica obra nacionalista: Otto Richard TANNEBERG, *Gross-Deutschland. Die Arbeit des 20. Jahrhunderts*, Volger, Leipzig-Gohlis 1911, do qual é extraída também a citação mencionada no texto (p. 206).
11. A carta está reproduzida em Corrêa da COSTA, *Crônica de uma guerra secreta*, cit., p. 290.
12. Corrêa da COSTA, *Crônica de uma guerra secreta*, cit., p. 289.

13. Corrêa da COSTA, *Crônica de uma guerra secreta*, cit., p. 291.
14. Theodore Roosevelt a Hugo Munsterberg, 3 de outubro de 1941, em Elting E. MORISON (ed.), *The Letters of Theodore Roosevelt*, Harvard University Press, Cambridge (Mass.) 1954, p. 823, citado em Henry KISSINGER, *Diplomacy*, Simon & Schuster, New York 1994, p. 42.
15. IDGR – Lexikon Rechtsextremismus, alla voce: *Verein für das Deutschtum im Ausland* nel sito: http://lexikon.idgr.de/v/v_e/verein-fuer-das-deutschtum-im-ausland/vda.php, consultado em 17 fevereiro de 2005.
16. Para uma análise do mercado mundial naqueles anos, cfr. Alfred VAGST, "Kautchuk-Politik", *Zeitschrift für Geopolitik*, III, 1926, pp. 631-649. A revista é organizada por Karl Haushofer: este particular deve ser considerado na interpretação da linha política do artigo.
17. Wanderley Messias da COSTA, *O Estado e as políticas territoriais no Brasil*, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo 1988, 83 pp.
18. Veja-se, por exemplo, a sua conferência *Brasilio. Farito de la Societo de geografio en Parizo*, Hachette, Paris 1909, 26 pp. (em esperanto); o artigo *Die neue Auffassung der Erdkunde*, Halle a. d. Saale 1934, 8 pp. (extrato da "Geographische Wochenschrift", 1934, n. 2).
19. Everardo BACKHEUSER, *Das politische Conglomerat Brasilien*, "Zeitschrift für Geopolitik", 3, 1926, pp. 625-630.
20. Lúcio CASTELO BRANCO, *Staat, Raum und Macht in Brasilien. Anmerkungen zu Genese und Struktur der brasilianischen Staats- und Grossmachtideologie*, Finck, München 1983, p. 466, nota 7. Importante, ainda que a bibliografia seja heterogênea: pp. 493-552.
21. Everardo BACKHEUSER, *Minha terra e minha vida*, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro 1942, XII-208 pp.
22. Everardo BACKHEUSER, *Problemas do Brasil: estrutura geopolítica. O espaço*, Omnia, Rio de Janeiro 1933, 173 pp.; id., *O Barão do Rio Branco, geógrafo e geopolítico*, "Revista da Sociedade de Geografia" (Rio de Janeiro) 1946; id., *Curso de geopolítica geral e do Brasil*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro 1952, 275 pp. Esta editora publicara ainda Lísias RODRIGUES, *Geopolítica do Brasil*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro (1947? não encontrado); Sydney M. G. dos SANTOS, *A cultura opulenta de Everardo Backheuser. Os conceitos e as leis básicas da geopolítica*, Empresa Carioca de Engenharia, Rio de Janeiro 1989, 493 pp.
23. Carlos Delgado de CARVALHO, *Le Brésil méridional. Étude économique sur les États du Sud*, Desfosses, Paris – Rio de Janeiro 1910, 529 pp.
24. É indispensável recordar que a geopolítica européia atingiu seu ápice após 1918, quando o Tratado de Versailles retirou da Alemanha os territórios renanos, a Ruhr e suas colônias. Os geopolíticos alemães requeriam o retorno daquelas terras à Alemanha em nome do "Blut und Boden" e do "espaço vital"; a eles, Vidal de la Blanche (que no livro *La France de l'est*, de 1917, tratara da anexação de 1871 da Alsácia-Lorena à Alemanha) opôs a "géographie active" fundamentada no desenvolvimento histórico. Além disso, ele contrapunha profeticamente às pretensões hegemônicas alemãs sobre a Europa "une communauté européenne".
25. Mário TRAVASSOS, *Projeção continental do Brasil*, Edição Brasileira, 1938 (trad. mexicana: *Proyección continental del Brasil*, El Cid, México 1978, 103 pp.); id., *Introdução à geografia das comunicações brasileiras*, José Olympio, Rio de Janeiro 1942.
26. José Alfredo do Amaral GURGEL, *Segurança e democracia: uma reflexão política*, José Olympio, Rio de Janeiro 1975, XII-185 pp.; Joseph COMBLIN, *A ideologia da Segurança Nacional*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 1980 (não encontrado).
27. Carlos de Meira MATTOS, *Pensamento revolucionário brasileiro*, 1964 (não encontrado); id., *Doutrina e política da revolução de 31 de março de 64*, 1967 (não encontrado); *Ensaio sobre a doutrina política da revolução*, SGSF, Brasília 1969, 15 pp.; sua experiência como comandante da Brigada Latino-Americana da Força Interamericana de Paz na República Dominicana é descrita em *A experiência da FAIBRÁS na República Dominicana*, Serviço Gráfico do IBGE, Rio de Janeiro 1966, XIX-215 pp.

28. Carlos de Meira MATTOS, *A geopolítica e as projeções do Poder*, José Olympio, Rio de Janeiro 1977, 147 pp.; id., *Brasil. Geopolítica e destino*, José Olympio, Rio de Janeiro 1975, XVII-109 pp.; id., *Uma geopolítica pan-amazônica*, José Olympio – Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro – Brasília, 215 pp. e as outras obras citadas nas notas seguintes. Cfr. ainda P. I. KELLY, *Geopolitical Themes in the Writings of General Carlos de Meira Mattos of Brazil*, "Journal of Latin American Studies", 16, 1984, pp. 439-461.
29. Foi Meira Mattos quem organizou uma edição comemorativa, após a morte de Castello Branco em um incidente aéreo: *Castello Branco e a Revolução. Depoimentos de seus contemporâneos*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro 1994, 204 pp.
30. Sobre a ideologia inspiradora: Escola Superior de Guerra, *Manual Básico da Escola Superior de Guerra*, Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro 1976, 648 pp.; Antonio de ARRUDA, *A doutrina da Escola Superior de Guerra*, "A Defesa Nacional", LXV, 1978, n. 679, pp. 65-73.
31. Alfred C. STEPAN, *The Military in Politics. Changing Patterns in Brazil*, Princeton University Press, Princeton (NJ) 1971, p. 176: de 1276 diplomados, 646 eram civis.
32. Leonardo TREVISAN, *O pensamento militar brasileiro*, Global, São Paulo 1985, p. 55.
33. Carlos de Meira MATTOS, *Uma geopolítica pan-amazônica*, José Olympio, Rio de Janeiro 1980, pp. 119-139 (corresponde ao capítulo: *O Pacto Amazônico e sua articulação com o Pacto Andino*). Mas também: Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro 1980, 215 pp., que não pude consultar.
34. Carlos de Meira MATTOS, *Brasil: Geopolítica e destino*, José Olympio, Rio de Janeiro 1979, XV-151 pp. (2a ed.); *Geopolítica e Trópicos*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro 1984, 157 pp. Cfr. também Moniz BANDEIRA, *O expansionismo brasileiro: o papel do Brasil na Bacia da Prata da colonização ao Império*, Philobiblion, Rio de Janeiro 1985, 311 pp.
35. Golbery do Couto e SILVA, *Planejamento estratégico*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro 1955; reimpresso pela Editora da Universidade de Brasília, Brasília 1981, 536 pp.
36. A exigência geopolítica de deslocar o baricentro do Brasil para o interior remonta ao momento da independência e era asserida já no art. 3º da constituição de 1891. A decisão oficial foi tomada em 1956 e a nova capital foi inaugurada em 21 de abril de 1960. À geopolítica acrescenta-se o argumento místico da profecia do beato Giovanni Bosco: Cosimo SEMERARO (a cura di), *Don Bosco e Brasília. Profecia, realtà sociale e diritto*, Cedam, Padova 1990, 281 pp.
37. Golbery do Couto e SILVA, *Conjuntura política nacional. O poder Executivo e geopolítica no Brasil*, José Olympio, Rio de Janeiro 1980 (3ª ed. 1981, XIV-37-273 pp.). Sua obra mais famosa, na qual resume seu pensamento é *Geopolítica do Brasil*, José Olympio, Rio de Janeiro 1967, XIV-275 pp. (2ª ed.).
38. Golbery do Couto e SILVA, *Geopolítica e poder*, UniverCidade, Rio de Janeiro 2003, XVI-633 pp.: além dos inéditos, o volume contém *Planejamento estratégico* (1955) e *Geopolítica do Brasil*, citado na nota anterior.
39. Jaime VICENS VIVES, España. *Geopolítica del Estado y del Imperio*, Editorial Yunque, Barcelona 1940, 215 pp.
40. Jaime VICENS VIVES, *Tratado general de geopolítica*. Segunda Edición, Universidad de Barcelona – Editorial Teide, Barcelona 1956, p. 8.
41. Norberto CERESOLE, *Argentina: sobre transiciones y decadencias. Cinco ensayos geopolíticos para la re-interpretación de la realidad argentina*, Prensa y Ediciones Iberoamericanas, Madrid – Buenos Aires 1987, p. 51.
42. Um elenco pode ser visto, por exemplo, na abertura do volume do general Juan Enrique GUGLIAMELLI, *Geopolítica del Cono Sur*, El Cid, Buenos Aires 1979, 268 pp.
43. É exatamente o título de um outro livro de Norberto Ceresole.

RESUMOS

Este artigo trata de três assuntos: a) As origens alemãs da geopolítica (em particular, a teoria dos "Grandes Espaços" de Karl Haushofer, o geopolítico da cúpula nazista) e sua extensão na América do Sul, sobretudo na Argentina, no período das ditaduras européias, até o final da Segunda guerra mundial; b) Os planos geopolíticos da Argentina na América do Sul (com particular atenção à sua expansão no Brasil meridional) até o final da Segunda guerra mundial; c) A geopolítica e os geopolíticos da ditadura militar brasileira e a "reabilitação" da geopolítica depois dos anos setenta-oitenta.

This article looks at three different topics: a) The German origins of geopolitics (in particular the theory of "Large Spaces" by Karl Haushofer, the geo politician of the Nazi regime) and its expansion through South America, mainly Argentina, during the period of the European dictatorships and until the end of the Second World War; b) The geopolitical plans of Argentina in South America (with particular focus on its expansion in southern Brazil) until the end of the Second World War; c) The geopolitics and the geo politicians of the Brazilian military dictatorship and the "rehabilitation" of geopolitics after the seventies and eighties.

ÍNDICE

Keywords: political geography, nazism; brazilian military government

Palavras-chave: geografia política, nazismo, governo militar brasileiro

AUTOR

MARIO G. LOSANO

Professor Titular de Filosofia do Direito e Informática Jurídica na Università del Piemonte Orientale "Amedeo Avogadro", Alessandria, Itália; Prêmio Alexander

400

-von-Humboldt, Bonn, Alemanha; Doutor honoris causa da Universidade de Hannover, Alemanha.